



Título: QUANDO O JORNALISMO ENTRA NA SALA DE AULA

Autoras: Josiane de Freitas e Maria Isabel Teixeira Brisolara

Orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

Professor da turma: Lisiane Vandresen

Ano: 8º (2012)

Contextualização do projeto: O tema do projeto foi escolhido a partir da observação do contexto escolar e das indicações da professora regente da turma, além disso, os gêneros reportagem, notícia e crônica faziam parte do conteúdo programático do oitavo ano. O projeto visou proporcionar aos alunos o encontro com textos dos gêneros estudados por meio de atividades de leitura, escuta, fala, escrita, reescrita e análise linguística. Para tanto, contou com a leitura e a escuta de crônicas, reportagens e notícias, com a visita a um jornal da cidade, com uma palestra de um profissional do ramo fotográfico e com a produção de uma reportagem em duplas que foram publicadas no jornal da turma, criado especialmente para o projeto.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conteúdo
1	2	Aproximação dos gêneros Reportagem e Notícia; distribuição de jornais

		de circulação nacional, regional e local; identificação e organização do jornal; acesso ao site de notícias www.r17.com.br
2	2	Leitura-estudo da reportagem "Menino prodígio" (DC - 11/04/12); entrega do <i>Kit repórter</i> ; início da pesquisa sobre o tema da reportagem a ser produzida.
3	1	Aproximação do gênero Crônica: forma de composição, condições de produção e função social; tipos de Crônica.
4	2	Análise linguística do gênero Reportagem partindo do vídeo da <i>TV Futura</i> sobre vício em <i>games</i> ; percepção da utilização da ordem discursiva direta e indireta; produção da primeira versão da reportagem.
5	2	Construção do roteiro de perguntas para ida ao jornal a partir da noção de escrita como recurso para organizar a fala.
6	1	Conhecimento da visão do cronista como narrador-personagem na produção da crônica; conhecer melhor o funcionamento dos <i>audiobooks</i> .
7	2	Tempo verbal na Reportagem: leitura-estudo da reportagem "Um escocês no Oeste" de D. Debona; análise da utilização dos verbos na reportagem; produção da segunda versão da reportagem.
8	1	Visita orientada com o objetivo de conhecer a rotina de um jornal; utilização da escrita como recurso para organizar a própria fala e registrar a fala do outro com a realização da entrevista.
9	2	Refacção do texto a ser publicado a partir da análise referente à adequação ou inadequação do próprio texto em relação ao gênero e em relação à variedade padrão escrita da Língua Portuguesa; produção da terceira versão da reportagem.
10	1	Socialização das crônicas lidas e gravadas em áudio pelos alunos; prática de leitura e escuta atentando para questões como expressividade, entonação, ritmo e fluência na leitura oral da crônica.

11	2	Análise da importância da imagem na construção do sentido do texto jornalístico; a produção de fotografias com caráter jornalístico; análise de fotografias.
12	2	Edição da reportagem: produção da última versão da reportagem para a publicação no jornal; inserção da imagem e formatação de imagem/texto.

Gêneros referência: Reportagem e crônica

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de reportagens; o trabalho com a leitura através de reportagens, notícias e crônicas selecionadas; o exercício da oralidade a partir da leitura oral, da escuta ativa, da gravação de áudios e das discussões sobre os materiais lidos; e o trabalho com a análise linguística a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Inserir os alunos no mundo dos gêneros reportagem e crônica ultrapassando o limite do texto e colocando-os em contato com o meio onde estão veiculadas as reportagens e as crônicas, com o suporte (revistas e jornais) em que circulam na comunidade e com o processo de produção de uma reportagem. Além de possibilitar o sujeito interagir com esse novo mundo de forma tátil, o projeto visa abrir o leque de leituras do estudante mostrando diferenças e semelhanças tanto entre as reportagens quanto entre as crônicas publicadas no suporte jornalístico e em forma de coletânea nos livros, e a diversidade de temas que estas abordam. Em resumo, o objetivo é fazer com que os alunos percebam a amplitude desses gêneros e de que forma podem aparecer em suportes diferentes. Ademais, se objetiva que os estudantes desenvolvam uma atitude reflexiva questionadora e consciente em relação aos gêneros do discurso abordados para que dessa forma as habilidades de escrita e elaboração sejam desenvolvidas de modo ativo e interativo.

Com relação à leitura: Ampliar o repertório literário e aprofundar os conhecimentos sobre os gêneros reportagem, notícia e crônica através da leitura de materiais selecionados, a fim de desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita a partir da produção textual e da reescrita de uma reportagem em duplas, ampliando os conhecimentos sobre esse gênero e exercendo a autoria.

Quanto à análise linguística: Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para inadequações recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso da fala e da escuta e utilizar os recursos próprios da oralidade na gravação de uma crônica em áudio.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (2h/a)

Iniciar a aula com a apresentação do projeto a ser desenvolvido nas próximas aulas. Em seguida, distribuir jornais de circulação nacional, regional e local para a aproximação do suporte no qual as reportagens são publicadas e pedir que os alunos se organizem em duplas para identificar como os jornais se organizam.

Logo depois dessa atividade, acessar algum portal¹ de notícias falsas e analisar uma das notícias indicando os aspectos do texto que fazem com que a notícia pareça real e quais os aspectos que a configuram como falsa. Em seguida, apontar as diferenças entre os gêneros reportagem e notícia a partir de uma conversa e demonstrar como é a configuração de um jornal em meio digital.

Aula 2 (2h/a)

Iniciar a aula pedindo que os alunos organizem-se em um círculo, em seguida, perguntar quais estudantes se prontificam a fazer a leitura em voz alta de uma reportagem previamente selecionada para a aula. Depois dessa leitura analisar as condições de produção, função social e forma de composição do gênero reportagem.

¹ As estagiárias escolheram para esse momento o portal www.r17.com.br porém tal *site* se encontra desativado atualmente. Outros *sites* como o <https://www.sensacionalista.com.br/> podem ser usados na atividade.

Logo em seguida, entregar o Kit Repórter, contendo caneta, blocos de anotação, sugestões de *sites*, jornais e revistas, que acompanhará todos os alunos durante as aulas sobre reportagem.

Depois, com recursos que possibilitem acessar à internet, pedir para que cada dupla se reúna pesquise sobre o tema escolhido². Solicitar aos alunos que anotem as informações importantes salvando *sites* que forem de interesse para formulação do seu próprio texto e deem início à produção de sua reportagem. Explicar ainda que as reportagens produzidas serão publicadas no jornal da turma, a ser produzido como uma ação do projeto.

Aula 3 (1h/a)

Entregar cópias escritas das crônicas *As pessoas não suportam a diferença* de Fernanda Takai³ e *Um artista* de Carlos Drummond de Andrade⁴. Solicitar a alguns alunos que façam a leitura em voz alta. Em seguida, através de uma discussão com todo o grupo, detectar as características presentes em cada um dos textos, observando suas aproximações e afastamentos, a fim de descobrir o que faz dos dois textos crônicas.

Aula 4 (2h/a)

Previamente selecionar uma reportagem em vídeo e notícias semanais de algum *site* ou jornal impresso. No início da aula, assistir ao vídeo selecionado e analisar juntamente com a turma as notícias semanais. Nesse momento, levar os alunos a perceberem como o discurso se apresenta em ambos os gêneros: ordem direta no texto da notícia e indireta no da reportagem; analisar também quais verbos costumam ser utilizados nesses gêneros e sua declinação estabelecendo uma comparação entre o que está sendo visto nesta aula e a reportagem lida na aula 2.

Depois, fazer a entrega da notícia iniciada em duplas na aula 2 e propor a reelaboração da produção textual fazendo uso do discurso indireto e acrescentando mais informações que tenham sido pesquisadas a fim de elaborar a primeira versão da reportagem.

Aula 5 (2h/a)

² Os temas já haviam sido escolhidos pelos próprios alunos na aula que antecedeu a implementação do projeto, de modo que é necessário prever tempo para a apresentação dos temas possíveis e para a escolha por parte de cada dupla.

³ Como esse texto não pode ser encontrado de forma *online* foi disponibilizado no anexo 1.

⁴ Como esse texto não pode ser encontrado de forma *online* foi disponibilizado no anexo 2.

Iniciar a aula organizando a turma em forma de círculo para a socialização das primeiras versões das produções textuais. Pedir que os alunos apresentem aos colegas as reportagens produzidas especificando a temática de modo que, se o tema for igual ou semelhante ao tema de alguma outra dupla, possa servir de subsídio para duplas que estejam produzindo uma reportagem sobre o mesmo tema. Depois, discutir a respeito da ida ao jornal que acontecerá na aula 8 e solicitar que os alunos formulem um roteiro de perguntas a serem feitas aos funcionários do jornal durante a visita, para ser entregue no final da aula.

Aula 6 (1h/a)

Iniciar a aula entregando cópias impressas da crônica *A última crônica* de Fernando Sabino⁵, depois, fazer a divisão do texto em parágrafos a fim de que alguns alunos possam participar lendo em voz alta para o restante da turma. Ao finalizar a leitura, colocar o áudio⁶ da crônica para que a turma possa escutar.

Em seguida, conversar sobre o papel do personagem cronista na crônica lida. Logo depois, estabelecer um comparativo entre a crônica de Fernando Sabino e as crônicas de Fernanda Takai e Carlos Drummond de Andrade lidas na aula 3.

Em seguida, pedir que a turma reúna-se em grupos de quatro alunos para gravar um áudio de uma crônica escolhida por eles em que a voz de todos os integrantes deve ser ouvida

Aula 7 (2h/a)

No início da aula, pedir que os alunos reúnam-se nas mesmas duplas em que fizeram a produção da reportagem. Entregar a cada dupla a reportagem *Um escocês no Oeste* de Darci Debona⁷ e pedir que os alunos façam a leitura e sublinhem todos os verbos que chamarem a atenção.

Em seguida, solicitar que os estudantes discutam o conteúdo da reportagem lida com os colegas respondendo ao roteiro de leitura (anexo 4). Logo, pedir que escolham, em duplas, três verbos a fim de analisar se estes comportam-se de forma semelhante.

Depois, pedir que os alunos comparem a primeira versão dos textos produzidos na aula 4 com a análise dos verbos feita nessa aula. Em seguida, pedir que as duplas elaborem a segunda versão da reportagem considerando o estudo dos esquemas verbais.

⁵Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/a-ultima-chronica/index.html. Acesso em 26 ago 2022.

⁶ Disponível no mesmo link em que se encontra o texto.

⁷ Como essa reportagem não pode ser acessada *online* foi disponibilizada no anexo 3.

Aula 8 (2h/a)

Fazer a devolução do roteiro de perguntas a fim de que os alunos possam utilizá-lo durante a visita ao jornal⁸. Pedir que os alunos levem o Kit Repórter e, se possível, levar um gravador e uma máquina fotográfica a fim de registrar a visita. Orientar os alunos que usem o roteiro de perguntas para conhecer melhor os funcionários e a rotina do jornal, indicar ainda que anotem no bloco que compõe o kit informações de maior relevância da visita.

Aula 9 (2h/a)

Iniciar a aula organizando a sala em forma de U a fim de analisar coletivamente fragmentos dos textos produzidos em sala de aula. Para tanto, projetar excertos previamente selecionados objetivando analisar, juntamente com os alunos, exemplos de construções bem e mal formuladas que constituem o gênero, de aspectos lexicais, morfológicos, sintáticos e ortográficos.

Depois da análise linguística, orientar as duplas a reescreverem as reportagens produzidas na aula 7. Pedir também que os estudantes respondam ao questionário sobre a reportagem que está sendo produzida (anexo 5). Ao final da aula, indicar que os alunos tragam fotografias de autoria própria para a aula 11.

Aula 10 (1h/a)

Essa aula é dedicada à socialização das crônicas gravadas em áudio pelos alunos na aula 6. Para tanto, iniciar a aula com a escuta ativa da crônica *Das vantagens de ser bobo*⁹ de Clarice Lispector. Logo depois, passar à reprodução e escuta ativa das crônicas gravadas pelos grupos de estudantes.

Aula 11 (2h/a)

Como esta aula é dedicada ao entendimento da importância da fotografia no texto jornalístico, iniciá-la com a escuta da fala de um profissional da área de fotografia¹⁰ acerca das questões que envolvem a produção de uma foto, como o foco, o enquadramento e outros aspectos. Depois, discutir sobre a manipulação e a importância da imagem na construção do

⁸ No contexto original de implementação do projeto foi possível organizar uma visita guiada a um jornal da cidade de Florianópolis, essa atividade pode ser adaptada à realidade de outras instituições.

⁹ Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=Zpf9MbuPP3o>. Acesso em 26 ago 2022.

¹⁰ No contexto original de implementação do projeto foi possível organizar uma visita de um profissional do ramo fotográfico para fazer uma apresentação para os estudantes, essa atividade pode ser adaptada à realidade de outras instituições.

sentido de textos na esfera jornalística. Em seguida, pedir que os alunos apresentem as fotografias autorais solicitadas na aula 9 a fim de que possam ser analisadas pelos colegas e pelo convidado.

Aula 12 (2h/a)

Essa aula se destina à edição da reportagem para o meio digital, para tanto, preparar previamente os recursos necessários para o andamento da atividade. No início da aula, pedir que os alunos reúnam-se com as suas duplas a fim de escrever a versão final da reportagem. Indicar que façam a inserção da foto escolhida e a formatação do texto da reportagem para compor o jornal da turma. No final da aula, fazer o encerramento do projeto implementado, revisando as atividades desenvolvidas em cada aula e dando tempo para que os alunos se manifestem.

Anexos

Anexo 1 - Crônica *As pessoas não suportam a diferença* de Fernanda Takai

As pessoas não suportam a diferença

Fernanda Takai

Na última terça estive a trabalho na capital paulista. Fui gravar um videoclipe no melhor estilo pouco verba, muita vontade. A ideia era andar de madrugada pela rua Augusta – que vai do luxo ao lixo – enquanto cantava uma canção que diz: “a gente se acostuma com tudo”. O quase...

Eu usava uma maquiagem e figurino que remetiam diretamente ao personagem Edward, Mãos-de-Tesoura. Vocês devem se lembrar dele. Uma versão moderna o mais sentimental do Frankenstein, acrescido do talento para cortar cabelos, plantas etc. em formatos bem originais. Fiquei irreconhecível. Até parece que cresci uns vinte centímetros com os cabelos muito arrepiados.

Comecei a caminhar lentamente enquanto as cenas eram captadas. A cada minuto alguém passava de carro ou a pé e gritava alguma coisa como: “olha o louco!”, “bicha”, “sai, macumba!”, “que ser é esse, meu pai?”. Sempre em tom de escárnio ou reprovação. Detalhe: quando percebiam que era uma gravação, trocavam um pouco a postura ofensiva por um “quem é?”, “é da televisão?”. Continuamos a nadar, cruzamos a avenida paulista e uns fãs passantes me descobriram por trás daquela personagem. Um taxista até gentilmente foi me seguindo por alguns minutos batendo palmas e dizendo que gostava do meu trabalho, mas teve que se retirar, pois acabava interferindo nas imagens e eu nem pude olhar para ele, pois fazia uma longa sequência com os olhos fixos na câmera...

Enquanto eu ia cantando e descendo a rua em direção à parte mais barra pesada do lugar, ficava pensando como é difícil ser diferente nesse mundo. Seja por causa da roupa, do corpo, de algum tipo de comportamento menos usual e nem por isso errado. Ser diferente é atrair olhares e pensamentos que a gente sente como espinhos. Mas o pior é eu ainda aí sentir de verdade naquela madrugada.

O diretor queria gravar umas cenas num clube noturno que costuma lotar todas as noites. Logo chegamos no lugar, que fica exatamente na área mais recheada de saunas, casas de espetáculos exóticos e hotéis de alta rotatividade. Ou seja, supus que haveria umas tantas pessoas também diferentes e que ali eu não chamaria a atenção. Errado. Os mesmos comentários surgiram como farpas. Eu não era daquela turma também.

Conseguimos autorização pra entrar com a câmera na boate. Já no corredor de acesso, pressentindo a hostilidade, disse que era melhor a gente ir embora, pois as pessoas estavam me olhando feio demais. Me davam empurrõezinhos se se virava resmungando qualquer coisa. O som era altíssimo e a iluminação precária. Quando começamos a gravar umas cenas em que eu ficava na pista enquanto todos dançavam. Alguém deliberadamente agarrou meus cabelos e me puxou com força. Estava escuro, lotado, e as pessoas pareciam todas iguais. Digo, vestiam-se do mesmo modo. Não consegui ter certeza de quem foi. Justamente nessa hora a câmera foi desligada para ser ajustada à quantidade de luz e da ninguém da pequena equipe que estava lá comigo conseguiu ver o ataque. Imediatamente pedi para ir embora porque agressão física é o tipo de coisa que me faz perder a graça. Ou a gente parte pra cima ou foge.

Eu fugi e fiquei com muita vontade de chorar. Nem tanto pela dor, mas pela constatação de que ser diferente é correr perigo. Não ser de uma determinada turma nos torna automaticamente alvo de um bocado de gente bruta e disposta a nos colocar no devido lugar pelas palavras e pelos atos ignorantes.

Minha filha tem um livrinho que é um dos mais vendidos mundo afora que se chama *Tudo bem ser diferente*. Não, Nina. Ainda não está tudo bem e pelo jeito nunca vai estar.

24/03/06

Anexo 2 - Crônica *Um artista* de Carlos Drummond de Andrade

Um artista

Carlos Drummond de Andrade

Trabalhávamos no mesmo andar, em salas diferentes, para o mesmo patrão impessoal, e apenas nos víamos de passagem, um dia ou outro. O cumprimento de cabeça resumia nossas relações. Pedi-lhe uma vez que me decifrasse a letra alemã de uma canção de Caymmi. Seu português era estropiado, quanto à construção e à prosódia, apesar do longo tempo de Brasil. Exprimia-se melhor em formas e linhas. Escultor laureado, desenhista de traço exato, viva à margem dos grupos que se chocam ou se exibem na passarela. Era considerado “moderno”, até o dia em que o Salão dito moderno lhe impugnou os trabalhos. Era principalmente solitário, fechado em si, canhestro e desengonçado em sua pobreza, vagamente áspero.

Que é que eu pensava dele, depois de tanto anos de cumprimentos no elevador, e de duas ou três frases sem conteúdo afetivo? Nada. Um nome estrangeiro, a presença quase estrangeira em sua frialdade.

E chegando ao trabalho me dizem que ele morreu na véspera. Sabia-o doente, imaginei a morte comum e nivelada, na cama, entre injeções. Não fora assim. Era domingo sem sol, desses que o jornal anuncia com a informação: “Não haverá praia para o carioca.” Para um europeu haveria sempre praia, e ele, metido no *short*, lá se foi para o mar de Ipanema, onde eu o figuraria calado, ou apenas animalmente fruindo a água e o vento, alheio ao resto do mundo, este que se danasse.

Eis que alguém está se afogando naquele mar difícil, e ele se atira para salvar o desconhecido. Bom nadador, logo o consegue. Mas já de volta à areia, enquanto o outro se recupera, o esforço físico e abate, e ele falece a caminho do Posto de Socorro do Lido, na ambulância. Tinha 62 anos, o coração não resistiu à prova. (O médico lhe recomendara tanto que não se gastasse, nem sequer jogasse peteca.)

Passa então a ser um cadáver indigente, com destino certo para a Faculdade de Medicina, pois não tem parente algum no Rio. É aí que a repartição, alertada, toma conta dele, torna-se sua família, luta com as autoridades para vestir o corpo e sepultá-lo. Seu pequeno apartamento fora interditado pela polícia, já se passaram 24 horas, e o delegado não chega, para autorizar a entrada no domicílio do morto. Afinal o comissário se compadece, abre-se a porta, o melhor terno vai substituir o *short*, e, depois da autópsia, no triste, vulgar e sinistro Instituto Anatômico, sob flores, o cadáver parece transbordar um pouco do caixão, com se o gesto final de sacrifício lhe aumentasse a dimensão humana.

Quatro mulheres, de idades diferentes, cercam-no em silêncio. É outra peça na família que se forma, e que irá dissolver-se daí a pouco. Não há como as mulheres para virem não se sabe de onde, pousarem um instante junto a alguém imóvel, criarem em torno dele uma atmosfera de carinho, que a simples solidariedade dos homens não saberia compor. A mais jovem alisa as mãos cruzadas do escultor, beija-as suavemente, pede que não fechem tão depressa o caixão. O pequeno grupo se movimenta, há um cadeado que falta e que é procurado e achado entre as flores. Quase ninguém soube, os jornais não noticiaram, o fluxo geral não mudou o seu ritmo, enquanto um homem dava a sua vida para salvar a de um desconhecido, e esse homem era um artista, espécie de gente muito afeita ao egoísmo, na opinião dos entendidos.

1960

Anexo 3 - Reportagem *Um escocês no Oeste* de Darci Debona

Um escocês no Oeste

Há cinco anos, Douglas Shaw cruzou o Atlântico para construir barcos e viver com a mulher Claci



A bandeira da Escócia tremula ao lado da brasileira nas margens do lago de Itá, na localidade de Poço Rico, no interior de Concórdia. Ancorado no “porto”, um barco amarelo, com a inscrição Claci 1, foi construído pelo escocês Douglas Shaw, que adotou Santa Catarina para morar.

O nome do barco é uma homenagem à mulher que o fez abandonar a região fria e úmida da Grã-Bretanha e atravessar o Oceano Atlântico para viver dias ensolarados na beira do lago de Itá. Shaw conheceu o Brasil em 2005, numa viagem a negócios para Florianópolis. A partir daí, ficou interessado no país. No mesmo ano, começou a trocar mensagens com Claci Beinsfield Shaw, em sites de relacionamento.

Mesmo com o inglês básico de Claci, eles conseguiram se entender. E viram que tinham muita coisa em comum, como o gosto por gatos e andar de bicicleta. Conheceram-se pessoalmente em 2006 e, depois de três anos morando parte do tempo no Reino Unido e parte do tempo no Brasil, Douglas Shaw casou com Claci e veio morar em Santa Catarina.

Ela largou a empresa de restauração de jeans e foi viver com seu escocês numa casa alugada no interior de Concórdia, à beira do lago. Lá ela faz sua horta e colhe frutas, enquanto Douglas projeta e constrói seus barcos. Os dois vivem como se fossem jovens namorados. Frequentemente, vão para o lago.

– Agora estou vivendo – disse Claci, que está em seu segundo casamento.

Para Douglas Shaw, estar num barco é mais do que um hobby. Ele nasceu na ilha escocesa de BUILT e sua família há séculos trabalha na construção de embarcações. Até a Coroa Britânica estava entre seus clientes. Douglas virou engenheiro elétrico, trabalhou em empresas e até na marinha britânica, onde

construía chips eletrônicos para navios e submarinos durante a Guerra das Malvinas. Este é um trabalho em que ele até fica constrangido em contar. Aos 70 anos, ele está aposentado e, apesar de ter restaurado barcos no Velho Mundo, foi no Brasil que construiu o primeiro, o Claci 1, com nove metros de comprimento. Levou cerca de oito meses para concluí-lo, pela demora em conseguir algumas peças e devido ao trabalho artesanal de desenhar, serrar, encaixar e fixar as peças.

Pelo lago, a distância é menor

O barco serve até para buscar leite no vizinho. Shaw disse que se fosse por terra, a distância seria de dois quilômetros e, por água, a distância cai pela metade. Ele ficou encantado com a receptividade dos brasileiros.

- Eles são muito amigáveis e gostam de conversar – disse. Ele ainda tem dificuldades para falar o português, mas já entende bastante. Nas festas da comunidade, Shaw é a atração. Ele tem até um kilt, que é a roupa da tradicional “saia” escocesa.

Shaw observou que a água represada do Rio Uruguai entrecortada por montanhas verdes lembra um pouco sua terra natal. A diferença é que a temperatura é bem mais amena e a água é calma.

Agora trabalha na construção de um segundo barco, com seis metros de comprimento, que terá até cabine. Sua ideia é sair navegando com Claci pelo lago por vários dias.

Shaw pretende convidar suas duas irmãs a morar no Brasil. Afinal, aqui, além de ter encontrado um amor além-oceano, ele tem seus barcos, o lago e o chá inglês, que toma três a quatro vezes por dia. Ele não precisa mais do que isso para ser feliz em terras brasileiras.



Na varanda da casa alugada em Condeórdia, onde a vida é sossegada



Colete, camisa com cordões, kilt, melão e bolsa: típico visual scotch

No Brasil

O que Show Gastou

- . A variedade de frutas
- . O clima
- . O atendimento nas bancas
- . Música gauchesca
- . O lago de Itaipu
- . A receptividade das brasileiras
- . Florianópolis, Porto Alegre e São Paulo

O que Show não gastou

- . Atraso nas compromissas
- . Calçadas esburacadas
- . Mau atendimento em algumas lojas
- . Dificuldade para comprar alguns produtos
- . Burocracia e taxas para importar peças
- . O preço das carras
- . Feijão

Anexo 4 - Roteiro de leitura da aula 3

Roteiro de leitura

Depois de ler a reportagem “Um escocês no oeste”, identifique aspectos gerais do gênero reportagem de acordo com o que foi estudado em sala de aula.

1. O título é apropriado e dialoga com a reportagem?
2. O *lead* dá conta de sintetizar o conteúdo da reportagem? Justifique a resposta.
3. Identifique no texto o parágrafo introdutório. Você acha que as informações desse parágrafo explicam o título. Por quê?
4. Há utilização de discurso direto no desenvolvimento da reportagem? Se sim, identifique no texto e depois transcreva uma passagem da reportagem que comprove o uso da ordem discursiva direta.
5. Há na reportagem alguma passagem em que o repórter faz uso da ordem discursiva indireta? Se sim, identifique e transcreva um trecho do texto em que há a utilização da ordem discursiva indireta.
6. Há alguma informação adicional ao conteúdo da reportagem? Se sim, identifique no texto e transcreva a passagem, justificando a sua contribuição para a compreensão da matéria.
7. Em parte do texto o repórter utiliza um determinado tempo verbal e depois começa a fazer uso de outro tempo verbal. Quais são os tempos verbais utilizados pelo repórter?
8. Explique por que há a necessidade de utilizar um tempo verbal em uma parte da reportagem e por que é permitida a utilização de outro tempo verbal em outras passagens da reportagem.
9. Identifique na reportagem e transcreva o parágrafo em que há a transição e consequente utilização das duas formas verbais utilizadas pelo repórter. O que essa transição significa para a construção de sentidos do texto?
10. Você acha que a imagem utilizada reforça as informações da reportagem? Justifique.

Anexo 5 - Questionário de perguntas da aula 9

Responda o seguinte questionário sobre a reportagem que está escrevendo.

- 1 – Qual é o título da sua reportagem? Você acha que ele é interessante e chama a atenção do leitor? Por quê?
- 2 – O lead da sua reportagem dá informações ao leitor sobre “quem”, “quando”, “onde” e “como” em relação ao conteúdo da reportagem? Justifique sua resposta.
- 3 – Como você reescreveria o parágrafo introdutório?
- 4 – Você considera que a reportagem que está escrevendo é excessivamente descritiva (como se fosse um artigo da Wikipédia)? Explique sua resposta.
- 5 – Do que escreveu até agora, que ponto você considera que deve ser focado e desenvolvido mais atentamente?
- 6 – Na sua avaliação, o que falta para que sua produção textual se torne uma reportagem? Por quê?
- 7 – Faça um resumo, de no máximo cinco linhas, sobre o que está escrevendo.